

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O PAPEL DO(A) COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES

Andressa Raquel Souza de Freitas¹
Douglas William Quirino Pereira²
Marta Soraya Sousa Silva³
Eliana Alda de Freitas Calado⁴

RESUMO

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o Projeto Escola de Gente Grande(PEGG), vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa/PB e tem como objetivo apresentar considerações acerca do papel do/a coordenador/a pedagógico/a no processo de formação continuada dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos(EJA) do município. O coordenador(a) tem um papel primordial enquanto mediador/a e articulador/a, facilitando espaços de reflexão e diálogo que estimulem a construção coletiva do conhecimento. Essa abordagem colaborativa promove a troca de experiências e ideias, enriquecendo as práticas pedagógicas dos educadores que conseqüentemente, facilitarão o processo de empoderamento dos educandos, permitindo que estes reconheçam suas próprias histórias de vida e desenvolvam capacidade de reflexão crítica. Constata-se, desta forma, que a formação deve preparar os professores para lidar com as complexidades da EJA em espaços não escolares, que é a proposta do projeto, promovendo a autonomia e o engajamento dos(as) alunos(as). Entendendo que a formação inicial não é suficiente para preparar os professores para atuarem frente a uma sociedade em constante transformação, a formação continuada se apresenta como essencial para gerar contextos de aprendizagens significativas e alinhadas com as necessidades e experiências dos educandos, especialmente os jovens, adultos e idosos, tendo em vista suas necessidades e experiências específicas. Neste relato de experiência, a formação continuada se revela como um instrumento indispensável para criar contextos de aprendizagem eficazes na educação de jovens e adultos, adaptando-se às particularidades dessa modalidade e promovendo possibilidades educativas em espaços não escolares, conforme atuação do Projeto Escola de Gente Grande.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Formação continuada, Práticas Pedagógicas, Abordagem Colaborativa.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre a formação continuada de professores(as) do Projeto Escola de Gente Grande(PEGG), vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa/PB, e se propõe a explorar o papel do coordenador pedagógico a partir de uma abordagem colaborativa, considerando a autonomia pedagógica dos educandos e a importância da formação continuada nesse cenário.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andressah.raquel@gmail.com;

² Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, prof.douglas934@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IFSertão-PE, martasoraya.ms@gmail.com;

⁴ Dra em História pela Universidade de Brasília, elianacalado@gmail.com.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e no fortalecimento da aprendizagem ao longo da vida, proporcionando oportunidades educacionais significativas para aqueles que buscam aprimorar seus conhecimentos e habilidades em diversas fases desta. No contexto da EJA, a figura do coordenador(a) pedagógico emerge como um elemento-chave na orientação e no processo formativo dos educadores e educadoras envolvidas nestas ações.

O papel do(a) coordenador(a) pedagógico no PEGG transcende as fronteiras tradicionais da gestão educacional. Além de exercer funções administrativas, o(a) coordenador(a) assume função de mediador(a) e articulador(a) entre os educadores(as), promovendo espaços de reflexões e diálogos que catalisam a construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, a colaboração entre educadores torna-se uma peça essencial, uma vez que a troca de experiências e ideias enriquece as práticas pedagógicas, resultando em abordagens mais eficazes e alinhadas com as necessidades específicas dos estudantes da modalidade.

Neste relato de experiência é possível afirmar que a ênfase na formação continuada dos(as) docentes, conduzida pelo(a) coordenador(a) pedagógico, revela-se como um fator crucial para o aprimoramento constante das práticas educativas. A rápida evolução da sociedade e das demandas educacionais exige que os(as) educadores estejam equipados com ferramentas atualizadas e estratégias inovadoras. Esta formação contínua não apenas mantém os(as) professores(as) informados(as) sobre as últimas tendências pedagógicas, mas também os(as) capacita a lidar com a complexidade do ensino em contextos não escolares, conforme experiências possibilitadas pelas vivências pedagógicas do PEGG.

O empoderamento dos(as) educandos(as) é outro objetivo intrínseco à atuação do coordenador pedagógico e dos(as) educadores(as) no PEGG. Através de práticas colaborativas e reflexivas, os(as) educandos(as) são incentivados a reconhecer suas próprias histórias de vida, a desenvolver habilidades de pensamento crítico e a se envolver ativamente em seu processo de aprendizagem. A adaptação da formação e das práticas educativas à EJA em espaços não escolares é um desafio, mas também uma oportunidade para a oferta de um processo educativo relevante e contextualizado.

Assim, nesse artigo serão exploradas as dinâmicas de colaboração entre educadores, a relevância da formação continuada e a adaptação dessas práticas à especificidade da modalidade EJA em espaços não escolares, na promoção da autonomia pedagógica dos educandos. Ao abordar esses aspectos interconectados, busca-se também contribuir para uma compreensão mais abrangente da atuação do(a) coordenador(a) pedagógico na promoção de uma educação de qualidade e relevante para os alunos e alunas da EJA ao longo da vida.

METODOLOGIA

Como já mencionado anteriormente, este artigo trata-se de um relato de experiência sobre a atuação do(a) coordenador(a) pedagógico na formação continuada de professores(as) do Projeto Escola de Gente Grande (PEGG), vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa/PB. Para isto, esse estudo adota uma abordagem qualitativa, permitindo uma análise das dinâmicas e interações presentes no PEGG. A metodologia qualitativa é adequada para capturar nuances, experiências e perspectivas dos participantes, proporcionando uma compreensão holística do fenômeno em estudo (Creswell, 2013).

Aqui essa abordagem se traduz especificamente no relato de experiência, isto para avaliar possíveis impactos da formação continuada de professores(as) na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escolha por um relato de experiência se justifica pela natureza prática e vivencial do PEGG, que busca integrar teoria e prática de maneira colaborativa e contextualizada. Assim, opta-se por compreender as mudanças na prática pedagógica, a adaptação das ações na promoção de uma escolarização mais significativa, e o desenvolvimento profissional dos educadores resultantes da participação nessa formação.

Com relação à produção dos dados, essa se deu por observações em sala de aula e avaliação da produtividade nos encontros formativos. A análise dos dados seguirá a abordagem teórica de Gibbs (2009), permitindo uma contextualização das experiências dos sujeitos da pesquisa. A saber: estes dados se baseiam nas vivências dos coordenadores pedagógicos, contratados por meio de processo seletivo em 2021 para atuação direta no PEGG, tendo como uma das atribuições a formação continuada do grupo de professores(as) que atuavam nas salas descentralizadas do projeto nos anos de 2021, 2022 e 2023.

É importante reconhecer que este relato de experiência tem limitações inerentes à natureza qualitativa do estudo e à especificidade do contexto do PEGG. Os resultados obtidos refletem as experiências dos participantes no âmbito desse projeto específico, limitando a generalização para outros contextos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem colaborativa na formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfatiza a construção coletiva do conhecimento e a troca de experiências entre os(as) educadores(as). Nesse contexto, os professores são incentivados a participar ativamente de espaços de reflexão e diálogo, compartilhando práticas pedagógicas, desafios e estratégias bem-sucedidas. Nesse sentido, o(a) coordenador(a) pedagógico assume o papel de guiar os(as) educadores na análise crítica de suas práticas pedagógicas, integrando teoria e experiência prática, a fim de promover uma educação cada vez mais significativa e de real relevância para esse público.

Os estudos de Paulo Freire apresentam uma notável conexão com a prática da abordagem colaborativa na formação de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O educador brasileiro fundamenta sua pedagogia na interação dialógica e na conscientização, elementos essenciais para uma abordagem colaborativa eficaz. As obras de Paulo Freire, notadamente "Pedagogia do Oprimido", "Educação como Prática da Liberdade" e "Pedagogia da Autonomia", oferecem fundamentos teóricos sólidos para a prática da abordagem colaborativa na formação de professores da EJA. Seus escritos destacam a importância do diálogo, da participação ativa e da reflexão crítica como pilares essenciais para uma formação que promova a construção conjunta do conhecimento e a conscientização dos educadores.

A saber: Em *Pedagogia do Oprimido* (1971), Freire ressalta que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, e que os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo. Já em *Educação como Prática da Liberdade* (1975), ele afirma que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou para a sua construção. E a reflexão crítica ainda ganha espaço como elemento central nos estudos deste teórico, assim, em *Pedagogia da Autonomia* (2004), ele destaca que ensinar exige rigorosidade metódica, paixão e consciência crítica. Essa consciência crítica é essencial para a abordagem colaborativa, pois promove a reflexão constante sobre as práticas pedagógicas, incentivando a construção de conhecimento de forma contextualizada e adaptada às necessidades da EJA.

Desse modo, a abordagem colaborativa promove a criação de uma comunidade de aprendizagem entre os educadores, fortalecendo suas habilidades e proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento profissional contínuo. Essa colaboração não apenas enriquece as práticas pedagógicas, mas também contribui para uma abordagem mais eficaz e sensível às necessidades específicas dos estudantes da EJA, resultando em uma formação mais alinhada com as demandas da modalidade.

A troca de experiências entre os(as) educadores(as) ganha ainda mais relevância ao transpor as fronteiras da sala de aula tradicional. A diversidade de contextos exige um compartilhamento contínuo de vivências práticas, permitindo a adaptação de estratégias pedagógicas e contribuindo para uma EJA mais contextualizada com as aspirações do seu público. Esse intercâmbio contribui para a consecução dos objetivos educacionais ao permitir a criação de práticas mais alinhadas às realidades específicas dos espaços não escolares.

Por isso, a capacidade de adaptação às necessidades locais, fomentada pela construção coletiva do conhecimento, é um elemento chave na execução de projetos de EJA em espaços não escolares. A abordagem colaborativa proporciona uma plataforma para a contextualização das práticas pedagógicas, garantindo que as estratégias adotadas estejam relevantes e promovam a estimulação da reflexão crítica entre os educadores. Esta contribui para os objetivos mais amplos do projeto educacional em relato, porque além do conteúdo programático respectivo a cada segmento/ciclo, a abordagem colaborativa em espaços não escolares visa promover a análise crítica das realidades locais.

Frente a isso, é possível afirmar que esta metodologia não apenas promove o compartilhamento de experiências, mas também instiga os estudantes a analisarem criticamente sua realidade. O diálogo constante e a participação ativa em atividades colaborativas incentivam a capacidade de abstração, levando os educandos a relacionarem os conteúdos aprendidos com suas vivências, e assim ampliando a compreensão do mundo ao seu redor. Como resultado, a abordagem colaborativa na EJA, mediada por professores bem preparada, conduz ao empoderamento dos(as) estudantes. Eles(as) não apenas absorvem conhecimento, mas também desenvolvem uma postura reflexiva e crítica diante de sua própria trajetória. Essa capacidade de análise crítica fortalece os educandos(as), capacitando-os(as) a se tornarem agentes ativos em suas jornadas educacionais e na transformação de suas realidades.

A importância da formação continuada de professores para lidar com a complexidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em espaços não escolares é inegável. A natureza diversificada dos(as) alunos(as) envolvidos nesses espaços, combinada com a variedade de contextos não escolares nos quais essa modalidade educacional ocorre no PEGG, demanda uma abordagem educativa flexível e adaptável. Através da formação continuada, os(as) professores têm a oportunidade de aprimorar suas competências pedagógicas, adquirir estratégias inovadoras de ensino e desenvolver uma compreensão mais profunda das necessidades específicas dos alunos(as) da EJA. Isso não apenas enriquece a experiência educacional deles(as), mas também capacita os(as) docentes a enfrentarem os desafios únicos apresentados pela EJA em espaços não escolares, possibilitando a inclusão, a motivação e, como consequência, o sucesso dos(as) educandos nesses ambientes multifacetados.

Nesse sentido, o coordenador pedagógico, ao articular as demandas da EJA com as práticas pedagógicas dos professores, desempenha um papel crucial na preparação desses profissionais para lidar com os desafios específicos dessa modalidade. Sacristán (2000) ressalta a importância da articulação entre teoria e prática como um elemento crucial para uma educação contextualizada e significativa. A habilidade de conectar diferentes elementos no contexto educacional da EJA, isso inclui a integração de teorias pedagógicas, práticas docentes e as necessidades específicas dos educandos, proporcionando uma educação mais inclusiva e alinhada com as demandas contemporâneas.

A EJA não deve ser limitada à mera transmissão de conhecimento, mas sim encarada como um processo de diálogo entre as práticas de letramento já existentes nos espaços não escolares e as práticas acadêmicas (DI PIERRO, 2008). As pessoas que buscam a EJA trazem consigo uma riqueza de conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo de suas vidas em contextos diversos, como trabalho, família e comunidade. Esses "outros letramentos" representam maneiras igualmente válidas de interagir com o mundo e de compreender informações. Portanto, a EJA deve ser adaptada para reconhecer e valorizar essas múltiplas formas de conhecimento.

Essa abordagem ganha ainda mais relevância ao se considerar a prática da EJA em espaços não escolares. Muitas pessoas que buscam a EJA estão envolvidas em suas comunidades e ambientes de trabalho, onde desenvolveram estratégias de letramento para lidar com demandas específicas. A EJA em espaços não escolares não apenas envolve a aprendizagem do conhecimento formal, mas também a promoção de diálogos entre esses letramentos prévios e os conhecimentos acadêmicos.

Maria Clara Di Pierro (2008) sugere que a EJA em espaços não escolares deve ser sensível às necessidades e experiências dos alunos e alunas, valorizando suas formas de aprendizado e incentivando a aplicação prática do conhecimento em suas atividades cotidianas. Ao adotar essa abordagem, os(as) educadores da EJA podem criar um ambiente mais inclusivo, onde os estudantes se sentem valorizados por suas habilidades e contribuições individuais, enquanto também se beneficiam da aquisição de novos conhecimentos formais, permitindo uma educação mais significativa e relevante, integrando as práticas de letramento dos(as) estudantes com os conhecimentos acadêmicos, e promovendo uma aprendizagem colaborativa que leva em consideração as experiências e habilidades prévias desses, num processo problematizador e que busca a autonomia pedagógica do(a) educando.

Sobre a autonomia pedagógica, Paulo Freire (1971) enfatiza a importância desta para os(as) educandos(as) no processo de aprendizagem. Ele acreditava que os alunos não eram recipientes passivos de conhecimento, mas sim sujeitos ativos e participantes na construção do saber. Argumentava que a educação verdadeira não podia ser imposta de cima para baixo, mas deveria ser um diálogo colaborativo em que educadores e educandos trocam experiências e conhecimentos. Logo, a educação autêntica não poderia ser imposta de maneira autoritária, sobretudo no contexto da EJA, mas sim ser um processo libertador. Freire (1971) desenvolveu a ideia da "educação problematizadora", na qual os educandos são incentivados a questionar e refletir sobre sua própria experiência, contexto e relações sociais. A hipótese é de que ao internalizarem esse método, os(as) estudantes se tornam agentes ativos de sua própria aprendizagem, desenvolvendo a habilidade de pensar criticamente e tomar decisões informadas.

Sendo assim, a formação continuada também é vital para auxiliar os(as) professores(as) na adaptação às complexidades dos contextos não escolares nos quais a EJA, incorporada no PEGG, ocorre. Esses espaços muitas vezes envolvem variáveis como trabalho, família, comunidade e diferentes ritmos de aprendizado. Através da formação, os(as) educadores podem aprender a projetar conteúdos curriculares mais flexíveis e pertinentes, que levem em consideração as realidades e demandas dos(as) estudantes. Além disso, a formação continuada capacita os(as) docentes a atuarem como facilitadores eficazes da aprendizagem, fomentando a participação ativa dos(as) alunos(as) e criando ambientes de colaboração que promovam a construção conjunta do conhecimento. Em última análise, a formação continuada fortalece a capacidade dos professores de enfrentar os desafios complexos da EJA em espaços não escolares, garantindo que a educação seja adaptada, significativa e enriquecedora para os(as) alunos(as) envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto Escola de Gente Grande (PEGG) é uma iniciativa de destaque no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB, por meio da Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC). O projeto teve suas atividades iniciadas em setembro de 2021 e estende-se até os dias atuais. Voltado para o atendimento dessa modalidade, o PEGG direciona seus esforços para turmas de primeiro segmento e segundo segmento. O primeiro segmento abrangem os ciclos alfa, ciclo I e ciclo II, enquanto que o segundo segmento envolve os ciclos III e IV.

O Projeto Escola de Gente Grande em seu *'modus operandi'* adota uma abordagem a partir de turmas descentralizadas, estabelecendo-se em diversas localidades do município de João Pessoa. Essa atuação se torna possível através de colaborações estratégicas com organizações não governamentais (ONGs), associações comunitárias e outros parceiros, que corroboram de forma fundamental na criação de uma rede de apoio sólida no alcance de um público diversificado de estudantes da EJA.

As turmas descentralizadas estão distribuídas em diversos bairros do município de João Pessoa, sendo eles: Mangabeira, Jardim Veneza, Timbó, São José, Engenho Velho e Valentina. Nesses espaços o projeto conta com o apoio de lideranças comunitárias que, de maneira voluntária, contribuem para a efetivação das turmas, cedendo os espaços, mantendo a limpeza e organização dos mesmos.

Para viabilizar suas atividades, o PEGG recebe incentivos financeiros do Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos (PEJA), em suas turmas de abertura; e do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), na continuidade dessas mesmas turmas ao longo da escolarização em nível de Ensino Fundamental. Essas ligações não apenas respaldam o projeto financeiramente, mas também fortalecem sua estrutura e capacidade de efetuar um impacto positivo nas comunidades em que o mesmo é ofertado.

Sobre o programa PEJA, em sua política mais atualizada com as necessidades da modalidade EJA para o século XXI, ele ressurge como uma resposta ativa à complexa intersecção entre as necessidades educacionais reais da modalidade e os desafios inerentes a ela, como pode ser as transformações trazidas pela pandemia de covid-19 nos últimos 3 anos. Segundo informações obtidas do Fundo Nacional de Desenvolvimento para a Educação

(FNDE), o PEJA é uma iniciativa que visa apoiar os sistemas de ensino na oferta de educação para jovens e adultos.

Nesse contexto, o PEGG é uma resposta a desafios educacionais persistentes, como o analfabetismo e a falta de escolaridade formal entre adultos. Sua abordagem considera a diversidade de experiências e necessidades dos estudantes, oferecendo uma oportunidade para aqueles que buscam retomar seus estudos e ampliar seus horizontes. Além disso, o projeto é um instrumento essencial na busca pela efetivação do direito à educação, ajudando a cumprir metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (2014 - 2024) e a combater as desigualdades educacionais presentes na sociedade, possibilitando que políticas públicas de educação cheguem a seu público potencial.

Sendo assim, o projeto desempenha um papel crucial ao oferecer oportunidades educacionais significativas para os jovens, adultos e idosos que buscam aprimorar seus conhecimentos e competências, contribuindo para a promoção da inclusão e o desenvolvimento contínuo da aprendizagem ao longo da vida.

Ao falarmos em PEJA e na criação de novas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), surge a demanda evidente por uma formação robusta e atualizada que prepare os educadores para enfrentar os desafios específicos desse contexto. A proposta de formação continuada visa aprimorar e aprofundar os saberes docentes, focando especialmente nos processos políticos e metodológicos que sustentam as práticas de alfabetização e pós-alfabetização. Neste sentido, o papel do coordenador(a) pedagógico(a) se mostra fundamental, uma vez que é este profissional que atua como formador responsável por acompanhar os professores envolvidos com o projeto.

A formação dos professores das novas turmas do PEGG desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade educacional oferecida aos estudantes. Com a evolução constante da área de Educação de Jovens e Adultos, é crucial que os educadores estejam atualizados quanto às mais recentes abordagens pedagógicas e teóricas. Além disso, a necessidade de compreender as especificidades desse público, suas demandas, histórias de vida e motivações é central para o sucesso do projeto. A formação adequada dos profissionais contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem acolhedor e eficaz, promovendo a inclusão e a autonomia dos estudantes. A formação não apenas atualiza os profissionais em relação às melhores práticas pedagógicas, mas também os prepara para atender às demandas específicas da Educação de Jovens e Adultos. Essa abordagem ressoa com a busca por uma educação inclusiva, qualitativa e contextualizada, que reconheça as particularidades de cada aluno e promova a equidade educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, exploramos o papel do coordenador pedagógico na formação continuada de professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), particularmente em espaços não escolares, por meio do Projeto Escola de Gente Grande (PEGG). O contexto multifacetado da EJA, caracterizado por um público diversificado, demanda estratégias educacionais flexíveis e adaptáveis. A abordagem colaborativa adotada no PEGG, destacada ao longo deste estudo, revelou-se fundamental na construção coletiva do conhecimento, proporcionando trocas significativas entre os educadores e enriquecendo as práticas pedagógicas.

Ao alinhar as reflexões críticas propostas por Paulo Freire com a prática da abordagem colaborativa na EJA, percebemos a relevância da interação dialógica, da participação ativa e da conscientização como elementos essenciais para uma formação eficaz. Freire, fundamentou sua pedagogia na ideia de que a educação deve ser um diálogo colaborativo, um processo emancipatório e libertador. Esses princípios foram incorporados de maneira consistente nas formações realizadas pelos coordenadores pedagógicos no PEGG, contribuindo para a construção de uma comunidade de aprendizagem entre os educadores, fortalecendo suas habilidades e promovendo o desenvolvimento profissional contínuo.

A adaptação da EJA em espaços não escolares foi abordada considerando os "outros letramentos" trazidos pelos educandos, valorizando suas experiências prévias e reconhecendo a diversidade de contextos nos quais desenvolveram suas habilidades de letramento. Destacou-se a importância da formação continuada na capacitação dos professores para lidar com os desafios específicos desses contextos, permitindo uma educação mais contextualizada, inclusiva e alinhada com as demandas contemporâneas.

A promoção da autonomia pedagógica dos estudantes da EJA foi outro ponto crucial discutido neste artigo. Ao adotar uma abordagem problematizadora, inspirada nas obras de Freire, os educandos são incentivados a questionar, refletir sobre suas próprias experiências e se tornarem agentes ativos em seu processo de aprendizagem. A formação continuada, portanto, emerge como um elemento vital para capacitar os professores a orientar esse processo, adaptando-se às complexidades dos contextos não escolares, integrando práticas de letramento prévias e conhecimentos acadêmicos.

Em síntese, este estudo destaca a eficácia do PEGG ao articular teoria e prática, refletindo sobre os fundamentos da abordagem colaborativa e contextualizada na formação

continuada de professores na EJA. No entanto, é imperativo reconhecer que a complexidade da EJA em espaços não formais demanda uma constante revisão e aprimoramento das estratégias educacionais. Dessa forma, sugere-se que futuras pesquisas possam se aprofundar na avaliação mais detalhada dos impactos dessas práticas, proporcionando insights adicionais para o avanço de projetos similares e contribuindo para a contínua promoção de uma educação inclusiva, relevante e alinhada com as necessidades contemporâneas na EJA.

REFERÊNCIAS

- DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, p. 367-391, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1971.
- _____, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p.
- _____, Paulo. [1967]. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra: 1975.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CRESEWELL, J. W. (2013). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. SAGE Publications.
- CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. *E-Mosaicos*, V. 7, P. 3-25, 2019.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAPTISTA, C. R. *et al.* *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.